

M. Manuela de Mendonça

*Nascer nos Anos*  
*Trinta*

*Memória e Imagens*  
*de um*  
*Quotidiano*



2009

## Prefácio

Desde a publicação, nos anos 1980, da *História da Vida Privada*<sup>1</sup>, em 5 volumes, da Antiguidade ao século XX, coordenada por Georges Duby e Philippe Ariès, que o tema geral da obra não mais deixou de seduzir historiadores e de suscitar a curiosidade do público. Nos nossos dias, é cada vez maior o número de todos aqueles que se interessam por conhecer os costumes e as práticas da privacidade, recordar as imagens guardadas da terra natal e dos afectos da infância, recuperar particularidades e singularidades, sentir a proximidade ou o afastamento relativamente à sociedade de outros tempos. A standardização dos padrões de aculturação num mundo progressivamente mais global, uniformizando modos de vida e vivências quotidianas, em estreita consonância com o ritmo veloz do dia-a-dia, fazem fraquejar a memória, atenuar a consciência crítica e desfocar o passado que se afigura constituir “um longínquo continente”, como um dia escreveu Edward Thompson.

Outros factores contribuíram para a erosão rápida do passado entre nós. A sociedade portuguesa do pós-25 de Abril de 1974 construiu-se, opondo-se ao período do “Estado Novo”, diabolizado no discurso político e nos meios de comunicação, o que se traduziu, na prática, pelo desprezo e pelo ostracismo dos hábitos e das lembranças de um tempo que se julgava, para sempre, erradicado. Na actualidade, são os jovens que procuram saber mais sobre o passado mais recente, em apelos insistentes de “conta-me como foi”; são as localidades que, ao pretenderem reforçar a sua identidade e incentivar o seu desenvolvimento ou o turismo cultural, se esforçam por conhecer e preservar o seu património histórico, apoiando-se no passado para construírem um futuro sustentado.

A obra *Nascer nos Anos Trinta. Memória e Imagens de um Quotidiano*, agora publicada, ajuda-nos a enriquecer a compreensão

---

<sup>1</sup> A edição portuguesa com a chancela das Edições Afrontamento, Lda. e do Círculo de Leitores é de 1990.

de alguns aspectos da vida privada da década de 1930, distanciando-se das análises frias e racionais desse período inicial do “Estado Novo”, em fase de consolidação da hegemonia salazarista, oferecendo, em contrapartida, descrições vivas e concretas, que deixam transparecer a natureza sensível, delicada e afectuosa de quem as relata. A sua autora, Manuela Mendonça, apoiando-se na memória (sua e daqueles com quem conviveu), no legado fotográfico que lhe foi deixado pela família e, sobretudo, nos seus cadernos de linhas, onde desde criança começou a registar as expressões do seu eu mais íntimo, conduz-nos, com mão segura, até esses anos da sua vida que lhe deixaram indeléveis recordações e aos quais gosta de regressar, indo ao encontro do jardim secreto da infância que não fechou a sete chaves e onde, generosamente, nos permite entrar. O trabalho de rememoração foi facilitado pela actividade profissional da autora, como pedopsiquiatra, a qual a obrigou à auto-análise e a inquirir a sua própria infância, como meio técnico fundamental ao exercício da profissão que desempenhou durante grande parte da sua vida, tendo sido uma das fundadoras dessa especialidade clínica no nosso país.

As suas memórias, quase fotográficas na captação impressionista da realidade, não se enquadram na tipologia justificativa ou hagiográfica bastante comum no género biográfico tradicional. Tão-só quer transmitir o que viu, ouviu, sentiu e pensou, relatando, com precisão, o quotidiano de uma menina da classe média alta (o pai era engenheiro dos Caminhos de Ferro, a mãe dona de casa, como a maior parte das mulheres do seu meio social, mas tinha o curso de piano do Conservatório Nacional de Lisboa), o qual geralmente escapa ao investigador e que tem a ver com a vida familiar e doméstica, os pequenos incidentes do dia-a-dia, o modo de viver mais privado.

O registo autobiográfico nunca “é o reflexo passivo de uma entidade individual, isolada”, diz-nos José Machado Pais, ainda que se reporte a uma pessoa concreta. Pelo contrário, revela-se sempre “como síntese de uma história social”, estando os comportamentos individuais subordinados a práticas colectivas, a partir dos quais se podem construir generalizações indutivas<sup>2</sup>. Nesta linha de

---

<sup>2</sup> José Machado Pais, “Fontes documentais em sociologia da vida quotidiana”, *Análise Social*, vol. XX, nº 83, 1984 – 4º, pp. 509-510.

interpretação, os testemunhos de Manuela Mendonça, ou melhor, do “clã Mendonça”, como a autora refere na “Introdução” do seu livro, convertem-se em fontes documentais, através das quais se torna possível apreender uma realidade que faz parte de um património de todos nós. O seu percurso é simultaneamente individual e colectivo, pelo que tem de paralelo com as histórias de vida de tantas outras crianças nascidas na década de 1930.

No centro do seu relato está a família, cerne da vida privada, o verdadeiro actor e pano de fundo da obra, onde tudo se passa e tudo acontece. A vila de Ovar, a cidade de Lisboa e a praia do Furadouro fornecem os limites da sua geografia dos afectos. O pai (distante, austero e metódico), a mãe (afectuosa, próxima e de fina sensibilidade), o avô João (a figura tutelar masculina e a encarnação do que imaginava ser o amor paternal), a avó-madrinha, os tios, os primos e, ainda, a Rosa (a Lhó na linguagem infantil), a criada que trocou Cortegaça por Lisboa, para acompanhar os “senhores e a menina”, na sua deslocação de Ovar para a capital, no ano de 1936, são os protagonistas principais de um “enredo” narrado na primeira pessoa pela “Maria Manuela”, a “Nenezinha” entre os “seus”.

Uma família como tantas outras, poder-se-á dizer, mas com uma vida doméstica intensa, que se alimenta de férias em comum, da preparação das festividades do Natal ou dos aniversários, das visitas, das conversas, dos afectos partilhados, das músicas tocadas ao piano pela mãe, dos cuidados na doença ou que, regularmente, se junta para se assistir, em conjunto, à projecção do filme da família, realizado num dia feliz, dentro de um cacilheiro, entre Lisboa e o Barreiro.

Muitas outras figuras se cruzam neste livro, captadas pelo olhar atento e curioso de uma criança. Tal como os míopes, como um dia escreveu o escritor Machado de Assis, as crianças vêem as coisas miúdas, enxergam de perto, onde “as grandes vistas não pegam”<sup>3</sup>. E a menina que nos serve de guia pelos Anos Trinta, viu e acompanhou as

---

<sup>3</sup> Cit. in Nicolau Sevcenko, “Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”, *História da vida privada no Brasil*, vol. 3, *República: da Belle Époque à Era da Rádio*, col. Dirigida por Fernando A. Novais, 5ª impressão, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, p. 7.

transformações da zona do Campo Pequeno em Lisboa, onde residia, e que lentamente se foi urbanizando, perdendo o ar rústico e campestre, onde chapinhava no meio da lama; recorda o estampido do atentado bombista a Oliveira Salazar, em 1937, e o buraco deixado no solo, convertido em local de romaria pela gente do bairro; guardou na memórias os pregões dos vendedores que, todas as manhãs, apregoavam o peixe, as frutas ou que, de casa em casa, iam entregando o pão, o leite; a roupa lavada, as galinhas; reconstitui as crendices aprendidas com as criadas, que também a ensinaram a espreitar no escuro a fosforecência das pescadas arrepiadas...

As memórias femininas surgem vestidas, diz-nos Michelle Perrot<sup>4</sup>. A importância que a aparência reveste para uma mulher justifica o cuidado que se lhe atribui desde a infância. Perante os nossos olhos abrem-se os “guarda-fatos” da memória, onde estão pendurados os fatos à maruja, com uma saia branca, às pregas, muito curtinha, usados na praia do Furadouro; os vestidinhos de seda bordada ou com favos de mel, primorosamente executados pela mãe; a roupa interior guarnecida com rendinhas de frioleiras; os primeiros sapatos de polimento ou os *soquettes* brancos. Acompanhamo-la também na sua iniciação à confecção do enxoval, esse “tesouro” feminino que tem o seu auge entre os finais do século XIX e os anos quarenta, bordando os primeiros paninhos a ponto de cadeia, guiada pela mãe, a quem, de acordo com a ideologia oficial do tempo, compete transmitir um saber-fazer que se ensina pelo exemplo e pela prática. E vai narrando: o encantamento na loja de brinquedos da baixa lisboeta, os primeiros bichos da seda e a gaiola do grilo, as tardes de segunda feira passadas na marquise escutando a criada que, no tanque, enquanto lavava a roupa da semana, ia contando as peripécias dos filmes que vira no dia anterior no “Cinema Olímpia”.

Cedo, muito cedo, intui as desigualdades sociais, ao ver da janela da sua casa de Ovar, os meninos pobres que, na rua, comiam um pão que desconhecia: a broa de milho, acompanhada por sardinha. Os historiadores sabem, na esteira dos estudos de Fernand Braudel,

---

<sup>4</sup> Michelle Perrot, “Pratiques de la mémoire féminine”, *Les femmes ou les silences de l’histoire*, Paris, Flammarion, 1998, p. 16.

que o pão dos ricos é branco, confeccionado à base de trigo, e o dos pobres, escuro, feito de centeio ou milho<sup>5</sup>. Há pão e pão e o seu consumo estabelece uma linha de fractura na sociedade, bem presente no Portugal do tempo de Oliveira Salazar, como o testemunha a longa série de inquéritos feitos à alimentação e à habitação da população portuguesa, não obstante a “campanha do trigo”, no início da década de 1930, ter expandido a cultura.

Fala-nos também da familiaridade ambígua com a morte, a doença, a guerra, iniciada em 1939. Esta última, sentiu-a na mesa das refeições, no momento em que, perante a escassez de géneros alimentares, a mãe inventava e reinventava cardápios, alguns dos quais reproduz. Ao nível oficial, a palavra de ordem era só uma: poupar, reutilizar, do “velho virar novo”, evitar o desperdício, impondo-se uma gastronomia de contenção mas profundamente criativa.

As palavras refreiam-se para falar da morte do avô, com quem mantinha uma relação de mútua afeição, mais próxima do que a estabelecida com o próprio pai. Neste domínio, a história pessoal confunde-se com a de milhares e de milhares de crianças do nosso país, qualquer que seja o estrato social, como nos mostram tantos documentos. A figura do pai distante e severo que recorre ao “olhar” e ao medo para impor a ordem domina as relações familiares, revestindo-se a afeição paterna de frieza. Em contrapartida, os avós, esquecidos pela historiografia, surgem como figuras tutelares e elementos da estabilidade e do afecto.

Já quanto à doença, as palavras distendem-se para narrar o seu carácter insidioso e inquietante que a incomodava, prefigurando, quiçá, o seu interesse pela medicina: os “meninos da poliomilite”; o sarampo que lhe forrou o quarto a papel vermelho, de acordo com a forma de tratamento da doença à época; o receio por todos sentido da tuberculose, o “grande papão” do tempo, levando elementos do círculo de amigos e da vizinhança, uns atrás dos outros, recuando lentamente perante os progressos dos medicamentos.

---

<sup>5</sup> Fernand Braudel, *Civilização material e capitalismo. Séculos XV-XVIII*, Lisboa – Rio de Janeiro, Edições Cosmos, 1970, pp. 111-115.

Em 1939, inicia-se uma nova fase: a escolar. De “boneca ao colo”, pela mão da mãe, entra, como aluna externa, num colégio religioso, como tantas meninas do seu meio social. As descrições feitas ilustram o tipo de instrução dispensado a uma criança de estrato social elevado, bem à maneira do século XIX, com aulas de “delicadeza”, as professoras religiosas tratadas por “mère”, à francesa, o desinteresse pelas aulas de ginástica...

Estamos, pois, perante uma obra de grande interesse para os diferentes domínios da investigação histórica (a vida privada e quotidiana, a criança, a família, a mulher, a doença, a relação pais-filhos, entre outros temas) ou, tão-só, para aqueles que se interessam pelo tempo passado. Sem dúvida que a redacção deste livro terá sido extremamente importante para a sua autora, ao trazer de volta a família Mendonça aos caminhos outrora percorridos e ao devolver-lhe o aconchego dos afectos familiares e as Imagens profundas da memória identitária. Porém, ainda o é mais para os leitores, ao reconstituir momentos de uma vida privada que não são apenas autobiográficos mas que fazem parte de um passado colectivo de grande parte de portugueses. Aos historiadores, deixa um precioso documento histórico sobre um período ainda mal conhecido da história portuguesa.

Ficamos todos à espera do próximo livro de memórias...

*Coimbra, 1 de Dezembro de 2009*

*Irene Vaquinhas*

*Doutorada em História Moderna e Contemporânea  
Professora Catedrática da FLUC.*